

## PROFESSOR DE SUAVIDADE

(Aires da Matta Machado)

"Mestre Aurélio entre as rosas..." Que homem raro esse cujo retrato é um poema! E que poema! As palavras felizes de Pedro Nava, relidas agora, assumem toda a força do seu significado, depois que o bondoso amigo foi levado para longa distância do irremediável afastamento.

Sob a sugestão de dois poemas — esse que a morte terminou e o que acabo de reler — é que evoco para minha saúde e para esse preito a figura de Aurélio Pires.

Foi minha primeira admiração literária. Ainda hoje lhe sou fiel, e eu sei que só crescerá, pela vida a fora, à proporção que os anos me iluminarem a compreensão.

O primeiro sentimento que esta morte me trouxe foi de remorso. Não; a morte talvez não seja triste em si. E' peremptória e inapelável, quando sentença, não tem contemplação; mas a grande dor dos que ficam é não terem dado o merecido aprêço à vida que fenecce. Si os mortos avultam, si crescem às vezes, excessivamente, é porque se torna de indisfarçável saliência a grande pequenez dos que lhes sobrevivem.

Longe daqui, ultimamente, nunca deixei de o ler. Mas os cartões que lhe dessem o sinal de minha fidelidade ficavam na boa intenção malograda. As maiores injustiças têm o caráter de omissão.

No entanto, os deveres de amizade, pontualmente cumpridos, é que podem tornar habitável este triste mundo, principalmente para os que, tendo a má fortuna de viver do pensamento numa época de força bruta, vão palmilhando dificultosamente este escorregadio vale de lágrimas. Para o escritor, ainda para os arredios, vale muito, vale tudo uma palavra amiga.

Visitar, uma vez por outra, o prof. Aurélio Pires tinha para mim força de devoção. Essa alma generosa levava a sério as coisas que eu publicava com a ingênua audácia de quem trata de tudo, exa-

tamente porque não sabe nada. Mas não o procurava somente para me aquecer à lareira de louvores generosos. Ia para aprender. E mais, para ficar perto de uma pessoa que tinha o condão de atrair e prender. Era o escritor, o homem de espírito, de experiência. Admirava-o sem restrições, com a pura admiração da qual a gente vai-se tornando menos capaz, à medida que a vida estraga a virginal capacidade de sentir.

Lembra-me o seu alvoroço quando eu chegava, o alvoroço afável com que recebia a todos.

Havia um tema obrigado em nossas conversações. Gostava de falar da própria velhice. Não para se queixar de achaques, como é vulgar. Seu intuito era exprimir a alegria de ser procurado pelos moços. É a prova de que não se foi a *juventude*, dizia-me. De fato, quando a morte não pode tardar, faz bem o contacto com a posteridade, em vida. O jovem, por pior que seja, é a posteridade que começa.

Alcanço hoje quanto era viva a mocidade naquele ancião, e chego a compreender por que motivo me agradava tanto o comércio com aquele moço de suaves barbas brancas.

Aurélio Pires, terno amoroso do passado, via nêlo principalmente o caráter de perenidade, oposto à fugacidade do minuto que foge. Sim; era saudoso, mas não tinha nada de saudosista. Nem reumatismo, nem romantismo. E o romantismo remanescente nas pessoas idosas assume o tom de exagerada estimação do que foi, e incapacidade para olhar em frente. "No meu tempo"... Só aparecia essa expressão, na frase animada daquele excelente conversador, para relatar uma anedota interessante, que êle sabia contar com vivacidade e espírito difíceis de encontrar juntos.

Sua erudição literária era fora do comum. A memória de anjo permitia-lhe citar, textualmente, ditos em latim, em francês ou inglês, sem falar nas flores vernáculas que sabia cultivar. Mas não tinha nem sombra de ênfase professoral. Não era um desses sabichões desfrutáveis, que bombardeiam a gente com uma erudição barata, colhida na véspera, em leitura apressada.

Era latinista da melhor qualidade, numa época em que reina o descaso pela cultura clássica. E todavia não alardeava, nem mesmo inconscientemente, seu profundo saber. Era-lhe a modéstia, si é possível, a um tempo espontânea e vigilante. Possuía o dom da naturalidade, diga-se logo.

Mineiro em tudo e por tudo, e mineiro escritor, morreu ignorado. Quem de nós já leu sua perfeita tradução da "Evangelina"? E quem pode afirmar, sem risco de êrro, que não tenha deixado outras obras em livro? Bem dizia eu que o triste da morte é o remorso que fica. Lembra-me um estudo acêrca de Antônio Olinto, seu irmão, tra-

balho a que o autor queria muito bem e pode ser lido na "Revista do Arquivo Público Mineiro". Os excelentes perfis, amorosamente traçados, com o título de "Mestres de outrora", certamente sairão agora da mesma publicação, para constituir um livro, segundo velha aspiração do autor. Dessas páginas de recordação, o perfil mais impressionante que se delinea é do próprio autor, o professor Aurélio Pires. Viveu e escreveu com bondade e elegância clássica.

Um palavra acêrca do seu amor ao idioma. Anotava tudo, com agudez e carinho, em cadernos especiais, onde colava retalhos jornal com artigos sobre questões de língua. Estiveram comigo essas preciosidades e estou certo de que valeria a pena enfeixar em livro notas de um professor de gramática, que era também um temperamento de artista.

Não tinha a pequenez de espírito dos velhos mestres rabugentos. Olhava as questões de linguagem com magnânima tolerância, um pouco por temperamento, mas também porque era senhor de certa conceituação da ciência.

"O gramático". — dizia-me êle citando a Voltaire — "o gramático é um homem que pesa ovos de aranha, numa balança cujos pratos são asas de mosquito".

Em moço, excedêra-se na condenação dos francesismos. Mas de boa mente se penitenciou, comentando um artigo de João Ribeiro, acêrca de Brasil, o nosso primeiro galicismo.

Espanta que êsse homem manso e cordato fôsse camiliano entusiasta. E' que, inteligente e fino, soube livrar-se do costumado artificialismo com que os desvelos dêsse escritor procuram amontoar, numa só frase, riquezas verbais que o temido polemista distribuira, com mão larga, ao longo de sua obra inteira.

A conversão ao catolicismo de um homem reto e bom seria uma questão de tempo e circunstância. Entrou na eternidade pelo caminho, que, de fato, só formalmente abandonára. Ao fazer-se católico, nesses últimos tempos, sentiu-se envolvido da serenidade final de quem se encontra a si mesmo.

Aurélio Pires era professor. Sempre deu aulas e lecionou farmacologia na Escola de Medicina, da Universidade de Minas. Mas, na realidade, êsse poeta erudito foi em toda a sua vida um professor de suavidade.